

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Centro de Ciências Sociais  
Programa de Estudo de América Latina e Caribe

**Bolsista:** Priscila da Silva Gouveia

**Linha de Pesquisa:** Observatório de Direitos Humanos

**Período de Coleta:** 01 de maio de 2020 até 31 de maio de 2020

Data: **01/05/2020**

Título: **Contra Bolsonaro, lideranças do campo democrático se reúnem em 1º de Maio virtual**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/01/centrais-sindicais-se-unem-em-ato-virtua-l-no-1-de-maio-assista-ao-vivo>

Em um 1º de Maio histórico, lideranças políticas do campo democrático se uniram, nesta sexta-feira (1) por meio de uma transmissão virtual, em um evento do Dia do Trabalhador marcado pela oposição ao governo de Jair Bolsonaro (sem partido).

A data, geralmente caracterizada por festivais, manifestações e ocupação de ruas e avenidas, foi marcada, desta vez, por *lives* solidárias coordenadas por sindicatos, pela primeira vez na história. O evento deste ano discutiu o tema “Saúde, Empregue Renda. Em defesa da Democracia. Um novo mundo é possível”.

O evento reuniu lideranças de nove centrais sindicais e promoveu o encontro até mesmo de lideranças políticas antagônicas, como os ex-presidentes Lula (PT) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Apesar de virtual, é a primeira vez desde a disputa eleitoral de 1989 que os ex-presidentes dividem o mesmo palanque.

Em um discurso voltado para a transformação social em meio à pandemia. Ao se referir a Jair Bolsonaro, sem citá-lo pelo nome, Lula apontou que grandes tragédias revelam o “verdadeiro caráter das pessoas e das coisas”.

“Não me refiro apenas ao deboche do presidente da República com a memória de mais de cinco mil brasileiros mortos pela covid. A pandemia deixou o capitalismo nu”, disse.

O ex-presidente destacou ainda que o coronavírus atinge o conjunto da população e mostra “que a raça humana não é imortal”, mas fez coro em defesa da esperança.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, afirmou que a realização de um ato unificado se justifica porque o país “enfrenta um momento de medo, da pandemia e do desemprego”.

“Não é hora de nos desunirmos. É hora de nos juntarmos porque temos que construir um futuro. O futuro tem que ser construído a partir das condições do

presente. São negativas, eu sei, mas são as que nós temos", afirmou o ex-presidente sem citar Bolsonaro diretamente.

Entre os ex-presidentes, Dilma Rousseff foi a mais direta no recado ao atual ocupante do Planalto.

Ela afirmou que "a luta por dias melhores para todos se intensifica nesse momento", pediu unidade e finalizou com a palavra de ordem "Fora Bolsonaro".

Data: **04/05/2020**

Título: **Número de atingidos por bala perdida aumenta 34% durante quarentena no Rio**

Fonte: <https://www.brasilefatorj.com.br/>

Link: <https://www.brasilefatorj.com.br/2020/05/04/no-rio-numero-casos-de-atingidos-por-bala-perdida-aumenta-34-durante-quarentena>

Um levantamento realizado pela plataforma *Fogo Cruzado* apontou que, mesmo em período de quarentena devido a pandemia do novo coronavírus, houve um aumento de 34% no número de baleados no estado do Rio de Janeiro durante o último mês em comparação a março. Ao todo, foram 196 pessoas alvejadas em abril.

Entre as vítimas fatais está Roberta Leite Neves, de 41 anos, atingida por bala perdida durante uma ação policial no Parque das Missões, em Duque de Caxias, na baixada fluminense, e Adrelany Pacheco de Lima, de três anos, atingida por bala perdida, em São Gonçalo, na região metropolitana, quando voltava para casa com sua mãe.

O relatório destaca que houve um crescimento de 12% nos tiroteios no último mês em relação a março. Segundo a plataforma, 32% dos tiroteios mapeados contaram com a presença de agentes de segurança, um aumento de sete pontos percentuais com relação ao mesmo período analisado em 2019.

A cidade do Rio de Janeiro lidera o ranking de disparos por armas de fogo. A capital concentrou 59%, ou seja, 295 casos dos tiroteios da região metropolitana, seguida por São Gonçalo, com 63; Niterói, com 28; Belford Roxo, 25 e Duque de Caxias com 24 casos de tiroteios.

A quantidade de agentes baleados em abril foi 39% menor que a do ano passado. Ao todo, foram 11 agentes de segurança baleados na região metropolitana do Rio, cinco deles morreram. Do total de baleados, quatro morreram e dois ficaram feridos quando estavam fora de serviço. De janeiro até abril, houve 1.778 tiroteios na região metropolitana do Rio. No total, 775 pessoas foram baleadas: sendo 374 mortas e 401 feridas.

Data: **06/05/2020**

Título: **Brasil tem "grande probabilidade" de voltar ao Mapa da Fome, diz economista da Unicamp**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/64551/brasil-tem-grande-probabilidade-de-voltar-ao-mapa-da-fome-diz-economista-da-unicamp>

O ex-diretor geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) José Graziano afirmou em entrevista ao *UOL* que a crise deve fazer com que um bilhão de pessoas no mundo passem fome.

Em nota sobre o impacto da Covid-19, a FAO afirma que a gravidade do quadro será determinada pelo tamanho da crise econômica. Nas piores projeções, a retração da economia pode introduzir a fome para 80,3 milhões de pessoas, enquanto o cenário mais otimista fala em 14,4 milhões de novas vítimas.

Em entrevista à *Sputnik Brasil*, Belik diz que o Brasil "não está preparado" para lidar com a situação e que a volta ao Mapa da Fome é um acontecimento de "grande probabilidade". Elaborado pela FAO, o Mapa da Fome é uma lista dos países em que 5% ou mais da população se alimentam com menos calorias diárias que o recomendado.

"O Brasil não está preparado para resolver esse problema, certamente grupos de risco como sem-teto, indígenas e comunidades tradicionais estão em situação muito mais vulnerável do que a classe média e a classe mais alta que tem uma habitação, que pode ficar em casa e ficar dois ou três meses sem receber renda", diz o economista da Unicamp.

O especialista acredita que apesar de o país ter criado "instrumentos adequados" para solucionar a questão da fome, por meio de "políticas públicas que permitiram o acesso da população ao alimento necessário para sua sobrevivência", a situação já vinha se agravando nos últimos anos com o "desmantelamento" desses mecanismos, "queda no PIB" e "aumento da pobreza".

"O Brasil produz uma quantidade enorme de alimentos. Segundo estatísticas, o Brasil seria o quarto produtor mundial de alimentos. No entanto, o problema é renda para essas pessoas consumirem", diz o economista da Unicamp.

Belik também ressalta que políticas públicas alimentares, como o Bolsa Família e restaurantes populares, estão em "situação bastante crítica" e evidenciam os "números expressivos" de desemprego e trabalho precário. O Brasil tem 12,85 milhões de desempregados e 36,8 milhões de pessoas na informalidade. Sem carteira assinada e direitos trabalhistas, os informais estão mais expostos aos efeitos das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia.

Para o economista, a epidemia pode fazer com que "várias outras camadas da população entrem em crise". Belik cita os "70 milhões de pessoas correndo às agências da Caixa Econômica em busca de auxílio de R\$ 600".

"Se não houver uma força no sentido de atender essas populações via políticas públicas, certamente nós vamos ter uma crise ainda maior, que é uma crise de alimentação", diz.

Belik aponta ainda que, para agravar a situação, o preço dos alimentos pode aumentar em função da pandemia.

"Numa primeira rodada, os produtores agrícolas colocaram produtos no mercado, mas o mercado encolheu, a demanda encolheu. Numa segunda rodada, esses produtores já estão deixando de produzir. Em plena safra, nós temos casos de produtos que estão sendo deixados no campo. Isso vai impactar no preço dos alimentos", afirma.

Em sua opinião, o estado deveria intervir para controlar a situação, mas não existe essa "intenção" e "as coisas vão acontecer de forma totalmente descontrolada".

"Certamente o governo não está preparado para isso. As coisas vão acontecer de uma forma totalmente descontrolada porque não há intenção de intervir mais diretamente nesses mercados", diz Walter Belik.

Data: **08/05/2020**

Título: **Indígenas repudiam acusações e denunciam aparelhamento da FUNAI por ruralistas**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/64589/indigenas-repudiam-acusa-coes-e-denunciam-aparelhamento-da-funai-por-ruralistas>

Nós organizações indígenas, indigenistas, socioambientais e de direitos humanos, repudiamos com veemência a Nota apócrifa veiculada pela Assessoria de Comunicação da Fundação Nacional do Índio – Funai, em que, além de defender piamente o governo fascista de Jair Bolsonaro, ataca o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e sobretudo o Indigenismo brasileiro dos últimos trinta anos. Diante dos tantos absurdos proferidos na Nota citada, manifestamos o nosso veemente repúdio e destacamos:

A Constituição Brasileira de 1988, especialmente em seus Artigos 231 e 232 rompeu com a lógica tutelar, assimilacionista, integracionista, portanto genocida e etnocida, vigente desde o ano de 1500 na relação do Estado brasileiro para com os povos originários de nosso país.

O Movimento Indígena, com forte participação dos povos de todas as regiões do Brasil e com apoio de amplos setores da sociedade brasileira, dialogamos e contribuimos organicamente com os Deputados Constituintes no processo de elaboração e aprovação da nossa Carta Magna. Desde então, nos empenhamos diuturnamente na defesa do texto Constitucional brasileiro e cobramos a sua devida, tempestiva e necessária implementação no intuito de que os direitos dos povos

originários sejam reconhecidos e respeitados de fato pelos órgãos e autoridades públicas dos três Poderes do Estado Brasileiro.

Mesmo com a oposição ferrenha e a continuidade dos ataques, agressões, violências e violações por parte de grupos econômicos, ávidos e insaciáveis, especialmente vinculados aos interesses financistas de grandes fazendeiros, madeireiros e garimpeiros e de poderosas corporações empresariais, nacionais e transnacionais, do agronegócio e da mineração, os povos indígenas, suas organizações e suas lideranças nos últimos trinta anos, mantiveram a resistência e a luta em todos os níveis e conquistaram importantes vitórias no que tange a implementação, pelo Estado brasileiro, dos direitos fundiários, culturais, religiosos, sociais, político-econômico e ambientais devidamente reconhecidos pela Constituição Brasileira.

Infelizmente, em muitos temas e situações, os inimigos dos povos indígenas impediram que o Estado brasileiro e os diferentes governos que se sucederam no Brasil desde 1988, respeitassem e implementassem a Lei Maior de nosso País. Em função disso, persistem situações inaceitáveis e vexaminosas para o nosso país, a exemplo dos assassinatos recorrentes de lideranças indígenas, da não demarcação de centenas de terras indígenas e a consequente situação de pobreza e vulnerabilização sociocultural de povos, como ocorre com os Guarani Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, e de tantos outros país afora, das invasões criminosas e da grilagem de terras já demarcadas, dentre outras.

O governo Bolsonaro, subserviente aos interesses das grandes corporações empresarias transnacionais do agronegócio e da mineração, afronta o texto Constitucional de nosso país e tenta impor a ideologia da tutela, do assimilacionismo, inclusive religioso, do integracionismo, a negação dos direitos fundiários, a negação do direito de usufruto exclusivo das terras, favorecendo as invasões, a grilagem e a exploração das mesmas por terceiros não-indígenas.

**Título: Há 34 anos, padre Josimo era assassinado por sua luta em defesa da terra**

**Data: 10/05/2020**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: [https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/ha-34-anos-padre-josimo-era-assas\\_sinado-por-sua-luta-em-defesa-da-terra](https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/ha-34-anos-padre-josimo-era-assas_sinado-por-sua-luta-em-defesa-da-terra)

No dia 10 de maio de 1986, naquele ano véspera de Dia das Mães, a luta pela terra fez mais um mártir no Brasil. Com 33 anos, o padre Josimo Moraes Tavares, então coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins – conhecida como “CPT do Bico”, foi assassinado por fazendeiros contrários ao seu trabalho junto a famílias na região. Chamado pelos agricultores de “padre negro de sandálias surradas”, ele se tornou um dos maiores mártires da luta pela terra no Brasil.

O padre que expressou sua religiosidade em defesa do povo excluído da região e enfrentou poderosos vivia sob constantes ameaças. Era perto do meio-dia de um sábado, quando

Josimo subia as escadas da CPT, em Imperatriz (MA), e foi alvejado por dois tiros. O disparo saiu da arma de um pistoleiro chamado Geraldo Rodrigues da Costa, a mando de fazendeiros e empresários do campo. Geraldo foi preso cerca de um mês após a execução, os mandantes foram presos no decorrer dos anos.

A professora Maria Perpétuo Socorro Oliveira Marinho e uma amiga de Josimo, Maria do Amparo Gomes Cardoso, foram as pessoas que primeiro prestaram socorro ao padre baleado. Duas horas depois, já no hospital, ele falecia. Mas sua luta não terminou por aí. Hoje, seu nome está em acampamentos de sem-terras, assentamentos de reforma agrária, ocupações urbanas, comunidades eclesiais de base, escolas e ruas. Sua inspiração segue viva no coração de milhões que lutaram e lutam pela libertação dos pobres, pela distribuição de terra e contra o latifúndio.

Data: **12/05/2020**

Título: **Dia da Enfermagem: País é 1º em morte de profissionais por coronavírus**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/12/dia-da-enfermagem-pais-e-1o-em-morte-de-profissionais-por-coronavirus/>

Nesta sexta-feira (12), comemora-se o Dia Internacional da Enfermagem. Durante o período da pandemia que assola todo o globo, a importância do trabalho desses profissionais não poderia estar mais clara: são eles que recebem os infectados, os acolhem e checam diariamente suas condições físicas, emocionais e psicológicas. São eles também, muitas vezes, as últimas pessoas que têm contato com aqueles que não resistem à doença. A coragem e honradez da profissão têm sido motivo de homenagens por todo o mundo.

Mas, na realidade, a situação desses profissionais enquanto classe, tem poucos motivos para comemoração. Os riscos para os profissionais aumentaram. Até agora, no Brasil, há mais de 160 mil infectados, sendo cerca de 12 mil enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, segundo o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Todos foram afastados com suspeita ou confirmação de terem contraído o novo coronavírus – e 94 já perderam a própria vida.

O Brasil hoje é o primeiro país do mundo em mortes de profissionais de enfermagem, superando os Estados Unidos, Espanha e Itália juntas. O número de profissionais mortos no país em decorrência do novo coronavírus representa cerca de 38% do número de mortes em todo o mundo, contabilizado em 260 casos pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

No Brasil, há mais de 30 anos a categoria vem lutando pela redução de jornada de 30 horas semanais, adequação fundamental para amenizar a sobrecarga e stress próprias das funções. “As pessoas tratam como linha de frente, mas eu particularmente não gosto muito desse tratamento porque o dia a dia conta mais. Temos instituições com um único enfermeiro tratando 44 pacientes em 12 horas. Poderia ter um investimento maior em área de trabalho”, afirma Isadora Renata,

auxiliar de enfermagem que atua na área de pediatria e saúde da família há mais de cinco anos, em Ilha Grande.

Enfermeira fiscal do Conselho Regional de Enfermagem (Coren), Viviane Camargo Souto, acrescenta que nessa data, mais que aplausos em homenagem aos profissionais, o fundamental seria destacar medidas práticas de reconhecimento da profissão. “É uma categoria que a gente sai de um trabalho entra em outro – e às vezes até em outro terceiro. Muitas vezes a gente mal dorme em casa”, afirma.

“A gente não tem salários dignos. Isso acarreta os duplos ou triplos vínculos muitas vezes”, agrega. “Além disso, a gente sabe que quanto mais trabalhamos por um período prolongado, a atenção cai, e a gente aumenta o risco de colocar as pessoas que estão sendo atendidas também em risco.”

Hoje, o Brasil conta com mais de 2 milhões de profissionais dessa área – enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem. Porém, segundo a OMS, há déficit de profissionais nessas áreas em todo o mundo. No relatório mais recente lançado pela organização, em abril deste ano, a estimativa é de carência de 6 milhões de profissionais. Nas Américas, o déficit seria em torno de 800 mil trabalhadores.

Data: **12/05/2020**

Título: **13 de Maio: Os negros e a pandemia**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/13/13-de-maio-os-negros-e-a-pandemia/>

Nesta quarta-feira (13), quando completamos 132 anos da Abolição da Escravatura no Brasil, de maneira surpreendente e angustiante podemos conhecer a capacidade de destruição provocada pela pandemia do novo coronavírus. Além de escancarar nossa ridícula fragilidade humana, coloca como desafio à sociedade a alta capacidade de organizar, coordenar e estruturar recursos e logística indispensáveis para viabilizar a construção de estratégia e ações de proteção da vida, da saúde e da integridade física e material, assim como planejar ações de retomada para o futuro.

Seu impacto brutal e a irradiação de suas consequências catastróficas se sobrepesaram aos demais desafios que já estavam em curso, representados pela gravíssima crise política, econômica e social e pela dificuldade para a promoção de reformas inadiáveis. Essa situação extremamente delicada traduzia as graves dificuldades do país e desafiava, da mesma forma, toda a capacidade de gestão e resolutividade das forças sociais e políticas.

Essa catástrofe inédita, além de ceifar a vida de milhares de brasileiros e dizimar integralmente setores inteiros do ambiente empresarial e corporativo, em especial micro, pequenas e médias empresas, está produzindo uma conta social inédita de quase R\$ 800 milhões que irá impactar de forma estrondosa a capacidade do

Estado de financiar e disponibilizar políticas públicas e garantir o crescimento econômico, assim como atender adequadamente às emergências sanitárias.

O caos produzido pela Covid-19 escancarou e iluminou as profundas desigualdades que estruturam a vida da maioria dos brasileiros e de como o esforço para ficar em casa divide de maneira desigual o sofrimento e a privação. Principalmente a parte mais vulnerável e necessitada dos brasileiros, que ficará sem emprego, salário e condições de garantir a sobrevivência de suas famílias. Apontou ainda, com mais ênfase e efetividade, a forma como deverá aprofundar as distâncias sociais e sacramentar as injustiças entre grupos de brasileiros.

O editorial “A cor da renda”, publicado na *Folha de S.Paulo* no domingo (10), acerta ao chamar atenção para o grave desequilíbrio que divide os brasileiros negros e brancos. No limiar do século 21, a diferença de renda entre negros e brancos alcança o patamar de 55,8%; 47,5% deles são trabalhadores informais, e 66% dos homens e mulheres negros compõem o grupo dos desocupados e os subutilizados no mercado de trabalho brasileiro.

Herança da longa escravidão, parece que os negros são os que mais morrem nessa pandemia, pois são a classe mais empobrecida. Ocupam favelas que muitas vezes não tem água potável, estão expostos a uma mobilidade urbana que aglomera (trens, ônibus, metrô) e, ainda por cima, detém grande comorbidade, passandolongo de assistência médica de qualidade. Os negros serão novamente castigados. Inviabilizados no seu trabalho informal e inelegíveis por todas as carências sociais e burocráticas, sofrerão impiedosamente para acessar recursos governamentais, retornar ao mercado de trabalho e manter a duras penas sua carteira na universidade.

É sob esse aspecto que o país estará desafiado para revisitar e reconstruir seuolhar e sua realização no combate à diminuição das desigualdades e na construção de políticas públicas que possam garantir a participação equitativa dos negros brasileiros.

O coronavírus irá exigir a construção de um país mais responsável, justo e equilibrado. Poderá ser também uma janela de oportunidades para construirmos uma relação racial e social nova e diferente: sem racismo, sem discriminação e com oportunidades e possibilidades iguais.

Data: **14/05/2020**

Título: **Risco de contágio e agressões: o cotidiano dos servidores da Caixa durante a pandemia**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/64698/risco-de-conta-gio-e-agressoes-o-cotidiano-dos-servidores-da-caixa-durante-a-pandemia>

Trabalhando em ambientes com alto de risco de exposição ao coronavírus e encarando também aglomerações, causadas pela falta de informação sobre a renda

emergencial, os funcionários da Caixa Econômica Federal (CEF) apelam para que o poder público tome medidas.

Eles cobram uma campanha de divulgação massiva sobre o benefício e os caminhos para acessá-lo. Além disso, propõem a descentralização do pagamento e um esquema de trabalho que envolva mais estruturas do governo.

Em entrevista ao programa Bem Viver, da Rádio Brasil de Fato, o presidente da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae), Sérgio Takemoto afirma que os bancários têm trabalhado sob profundo estresse. (ouça a entrevista na íntegra clicando no áudio no início da matéria)

Já há relatos de infectados entre os servidores - inclusive com fechamento de agências - e até mesmo de agressões e ameaças por parte de cidadãos que não conseguiram acessar o benefício.

Com essa multidão indo à agência para receber um benefício que é um direito, nós temos relatos terríveis. Assim como temos relatos de clientes agradecendo enormemente, em contrapartida nós temos relatos até de ameaças e empregados que sofreram agressão física. Além disso, infelizmente nós já temos casos de óbito e isso acaba mexendo com o trabalhador. O grau de estresse é muito grande, todo dia você receber relato de pessoas que foram lá e não conseguiram o benefício e você não pode fazer nada. Ver o desespero das pessoas, porque esses R\$ 600 significam um prato de comida na mesa

Takemoto considera que a falta de informações por parte do governo federal em relação ao benefício é o principal motivo de aglomerações nas agências bancárias da Caixa e avalia que, com mais de 20 milhões de pessoas esperando para receber o pagamento, "vai ser uma avalanche" de pessoas nas filas.

"Desde o início nós percebemos que muita gente vai à Caixa pedir informações e até tentar entender porque não recebeu o benefício. Só agora, no começo do mês, é que a Dataprev fez um sistema que vai dar a resposta sobre porque o benefício não foi aprovado. Demorou muito tempo. Desde o início, temos pedido que o governo e a Caixa fizessem uma ampla divulgação. Nós vivemos em um país muito desigual. Não dá para pensar que todo mundo tem acesso à internet, tem acesso ao celular. Milhões de pessoas não têm acesso e com certeza essas pessoas são elegíveis para receber o benefício", aponta.

O presidente da Fenae vai além e aponta que o governo "no lugar de ajudar, atrapalha" com desencontros e desinformação sobre os pagamentos. Ele cita como exemplo o pagamento da segunda parcela anunciada para o final de abril pelo ministro da Cidadania Onyx Lorenzoni, e suspenso em seguida pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), que "agora já não sabe nem mesmo quando vai ser liberada".

É mais desencontro, mais desinformação, mais pessoas correndo atrás para receber o benefício. É um governo que parece que tem interesse que as pessoas não recebam esse benefício. Parece também ter interesse em tentar passar uma imagem de ineficiência por parte da Caixa. Os bancos públicos serão fundamentais para saída dessa crise. Nós vamos precisar pensar em um programa permanente

de renda mínima. Não vai voltar tudo ao normal depois de três ou quatro meses. Vai ser necessário repensar o papel do estado.

Data: **14/05/2020**

Título: **A pandemia e o direito à educação**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/14/a-pandemia-e-o-direito-a-educacao/>

Como se não bastasse o enfrentamento de uma crise sanitária sem precedentes — luta que, é preciso destacar, está sendo feita a despeito da omissão do governo federal —, essa batalha vem acompanhada de obstáculos que incluem a falta de saneamento básico à qual está submetida parte da população, a precariedade de moradia e de alimentação, o desmonte do Sistema Único de Saúde e a carência de investimentos em saúde pública, os ataques — cruelmente acirrados neste momento — aos direitos trabalhistas.

Essa desigualdade social implica, obviamente, também uma desigualdade no acesso à educação. A excepcionalidade trazida pela crise evidencia as dificuldades enfrentadas pela escola pública e vem reforçar a necessidade e a importância da nossa luta em defesa do cumprimento do Plano Nacional de Educação (PNE) — incluindo o que toca à meta de investimentos de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro na educação pública, gratuita, democrática e de qualidade socialmente referenciada — e pela urgente revogação da Emenda Constitucional (EC) 95, que, ao estabelecer um teto de gastos públicos, inviabilizou a execução do PNE, bem como de quaisquer políticas públicas nas áreas de educação, saúde e assistência social, justamente nas quais são expostas nossas maiores fragilidades nesses tempos de coronavírus.

Em outras palavras, não só existe uma pobreza imensa no Brasil, como ela está diretamente ligada, numa relação simbiótica e recíproca, à realidade educacional. Isso tem a ver com o sucateamento da escola pública — um sucateamento que faz parte de um projeto político-econômico de privatização da educação pública e de transformação do ensino em mercadoria —, mas também com o fato de que a educação tem ligação direta com o nível de inclusão social. Os direitos sociais são articulados e interdependentes. Significa dizer que a destinação e ampliação de verbas para a educação pública, gratuita e de qualidade, que é uma bandeira nossa, não prescinde — ao contrário, depende — da garantia de melhores condições de vida, moradia, alimentação, saúde, trabalho etc. para toda a sociedade.

Data: **15/05/2020**

Título: **Operação policial mata 11 pessoas no Morro do Alemão, no Rio, nesta sexta (15)**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/15/operacao-policial-mata-11-pessoas-no-morro-do-alemao-no-rio-nesta-sexta-15>

Uma operação realizada na manhã desta sexta-feira (15) por policiais militares do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) e pela Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos (Desarme) da Polícia Civil no Complexo do Alemão, na zona norte do Rio, resultou na morte de 11 pessoas.

De acordo com a Secretaria de Estado de Polícia Militar, a ação teve por objetivo checar denúncias sobre o paradeiro de um criminoso apontado como liderança do tráfico de drogas local e verificar informações sobre a localização de uma casa usada como esconderijo de fuzis na comunidade.

A operação começou por volta das 6h da manhã. Moradores relataram tiroteios e violação de direitos por parte dos agentes de segurança durante a incursão. Renato Moura, chefe de redação do portal Voz das Comunidades, relatou ao Brasil de Fato que o WhatsApp do veículo de notícias recebeu uma série de vídeos de moradores com denúncias de agressão. “Nas grandes operações aqui, no Alemão, infelizmente, sempre há essa violação da polícia e hoje a gente recebeu vários relatos de policiais agredindo moradores, invadindo casas. Recebemos tudo isso pelo *WhatsApp* do ‘Voz’ [Voz das Comunidades]. A gente recebeu um vídeo em que apontava que uma pessoa teria sido esfaqueada por policiais do BOPE”, contou o jornalista.

Após o término da operação, os moradores começaram a recolher os corpos que ficaram na comunidade e os levaram para a parte baixa do Alemão, na altura do loteamento na Avenida Itaóca. Moura informou que foram encontrados seis corpos na comunidade. Em um vídeo disponível na página do *Voz das Comunidades* no *Facebook* e no *Instagram* (abaixo) é possível ver o desespero de parentes das vítimas e cinco corpos cobertos com panos.

“Os moradores perceberam que a polícia saiu e que não ia voltar e eles mesmos tiveram que se mobilizar, arrumar um carro e colocar os corpos dentro de um carro particular e os trouxeram pra a parte tranquila da favela onde o rabeção consegue tirar os cadáveres”, relatou Moura.

**Título: Conselho proíbe uso de contêineres para separar presos com covid-19**

Data: **15/05/2020**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/conselho-proibe-u\\_so-de-containeres-para-separar-presos-com-covid-19](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/conselho-proibe-u_so-de-containeres-para-separar-presos-com-covid-19)

O Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária derrubou hoje (15) uma proposta que permitiria aos governos estaduais e federal instalar contêineres em unidades prisionais para isolar presos infectados pela covid-19.

Ao fim de uma reunião virtual de mais de três horas de duração e marcada por problemas técnicos, os conselheiros aprovaram novas normas para a adequação de cadeias, penitenciárias e outros estabelecimentos prisionais durante a pandemia do novo coronavírus. De acordo com o 1º vice-presidente do conselho, Fernando Pastorelo Kfoury, trata-se de uma "flexibilização" temporária das regras, que permitirá que cada unidade federativa, dentro de parâmetros legais mínimos, busque a melhor solução para enfrentar a doença.

A proposta de uso de contêineres para isolamento foi apresentada pelo Departamento Penitenciário Penal (Depen), do Ministério da Justiça, mas ficou fora do texto final aprovado hoje, que só será divulgado após a inclusão das sugestões acatadas durante a reunião.

Convidado a participar da reunião na condição de especialista, o coordenador de Saúde do Depen, Rodrigo Pereira Lopes, comentou a polêmica que a proposta gerou quando foi apresentada, que levou organizações da sociedade civil, como a Pastoral Carcerária, e órgãos como o Ministério Público Federal e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) a se manifestarem contra o uso de contêineres.

“O pedido de flexibilização [do uso] das estruturas no âmbito da pandemia, feito pelo Depen, foi desvirtuado e transformado [em um debate] sobre empregar ou não os contêineres”, disse Lopes, garantindo que, apesar de um “histórico de más experiências com o uso destas estruturas no âmbito do sistema prisional”, “existe sim formas de utilizá-las bem”.

“Mas não é esta a questão [...] O que gostaríamos de deixar claro é que este é sim um momento de flexibilização [das normas]. Estamos vendo isto no mundo inteiro e aqui mesmo, na construção de hospitais de campanha em estádios de futebol. Então, se [a flexibilização] pode ser feita fora do sistema prisional, também pode no sistema”, ponderou o diretor, destacando que, ainda que a proposta tivesse sido aceita, o uso de contêineres teria de ser regulamentado e analisado caso a caso.

Data: **15/05/2020**

Título: **BOPE faz operação no Alemão e promove tiroteio em meio à pandemia**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/bope-faz-operacao-no-alemao-e-promove-tiroteio-em-meio-a-pandemia/>

O Complexo do Alemão amanheceu nesta sexta-feira (15) com uma intensa operação do Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE). A ação deixou ao menos cinco mortos e assustou moradores que tentam se manter em casa diante da pandemia do coronavírus.

“Em meio a pandemia, uma operação policial na favela. Aqui mesmo onde falta água e a fome se faz presente... vejam, essa foi a principal forma que o estado dialogou com o nosso momento atual. A falsa ideia de guerra às drogas, que NÃO

transforma positivamente realidades...”, escreveu o ativista Raul Santiago, que compartilhou cenas da operação.

Segundo o Voz das Comunidades, cinco pessoas morreram durante a operação. Segundo moradores ouvidos pelo portal, alguns dos mortos foram alvejados dentro de casa. Ao menos três caveirões entraram no Alemão.

“Não adianta usar apenas máscaras e lavar as mãos para sobreviver. A favela pode morrer de outro modo”, escreveu Breno Laerte, colunista do Voz das Comunidades.

A Anistia Internacional no Brasil também se manifestou sobre a operação. “Dentro e fora do contexto de pandemia, exigimos das autoridades uma segurança pública que respeite os direitos humanos no policiamento e ação de agentes de segurança pública em geral, respeitando protocolos de uso da força”, tuitou a entidade.

Data: **17/05/2020**

Título: **LGBTIs vivem acirramento de violência familiar em isolamento social**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/lgbtis-vivem-acirramento-de-violencia-familiar-em-isolamento-social>

A crise global causada pelo novo coronavírus "está exacerbando as dificuldades da população LGBTI", reconheceu a Organização das Nações Unidas (ONU) em um comunicado divulgado em abril. A ONU explicou na época que essa minoria "muitas vezes encontra discriminação e estigmatização ao buscar serviços de saúde, e é mais vulnerável à violência e outras violações dos direitos humanos". No Dia Internacional de Combate à LGBTfobia, comemorado hoje (17), LGBTIs ouvidos pela Agência Brasil que trabalham no acolhimento a essa população chamam a atenção para o cruzamento dessa forma de discriminação com as dificuldades enfrentadas por todos diante da maior pandemia das últimas décadas.

Gestora de uma rede de apoio emocional que já realizou mais de 100 atendimentos a LGBTIs no Rio de Janeiro, a vice-presidente do Grupo Arco-Íris, Marcelle Esteves, ouve diariamente os desabafos de pessoas que perderam seu sustento com a crise, tiveram que se confinar em lares em que não são aceitas e sofrem violências físicas e psicológicas por parte das próprias famílias.

"A gente atende os mais variados públicos. Desde aquele indivíduo que é estudante e mora com os pais até aquele que já tem o seu escritório e nesse momento perde o seu sustento e fica refém dos familiares. E qual escolha ele tem? Volta para a família? Vai para a rua?", lamenta a psicóloga, que atende com frequência casos de depressão. "A autonomia financeira é primordial. Sem ela, você fica sem o seu direito de escolha, fica refém do outro, e muitos acabam reféns de suas próprias famílias".

Uma pesquisa internacional realizada com 3,5 mil homens gays, bissexuais e transexuais pelo aplicativo de relacionamentos Hornet confirma a percepção da psicóloga. Segundo

noticiado pela Fundação Thomson Reuters, na terça-feira (12), 30% dos entrevistados responderam que não se sentem seguros em casa durante o isolamento. Marcelle destaca, entretanto, que a violência é ainda mais severa contra a população transexual, que tem sua identidade negada por familiares. "Tenho jovens em atendimento que preferem ir para a rua e correr o risco de se contaminar, porque não estão suportando ficar nas suas casas".

Mesmo que a LGBTfobia já tenha sido declarada crime pelo Supremo Tribunal Federal (STF), muitas vítimas relatam dificuldades em denunciar familiares próximos, como pais e mães, e se veem sem ter onde buscar abrigo após uma denúncia, conta Marcelle, que muitas vezes tenta aconselhar as vítimas a buscar amigos. "É importante que essa pessoa rompa com esse círculo de violência, senão ela pode acabar sendo morta".

Além do acolhimento e aconselhamento de vítimas de violência doméstica, o Grupo Arco-Íris tem reunido doações para atender com cestas básicas a um cadastro de 3 mil LGBTIs em situação de extrema vulnerabilidade no estado do Rio de Janeiro. Desde que o isolamento social começou, Marcelle conta que os pedidos de ajuda para ter o que comer não pararam de chegar. Entre as situações mais difíceis está a parte da população trans que, excluída do mercado de trabalho, depende da prostituição para sobreviver.

Data: **18/05/2020**

Título: **Expostos ao coronavírus, garis trabalham com medo: "Tem muito lixo contaminado"**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/64755/expostos-ao-coronavirus-garis-trabalham-com-medo-tem-muito-lixo-contaminado>

Ao longo dos 15 anos trabalhando como gari na cidade de São Paulo, Carlos Nério Barbosa nunca imaginou que um dia sentiria tanto receio de ir para as ruas fazer a coleta de resíduos. Enquanto parcela do país está em quarentena, ele faz parte dos trabalhadores de atividades essenciais que não puderam paralisar seus serviços em meio à pandemia da covid-19.

Homenageados neste sábado (16), Dia Gari, os trabalhadores da categoria enfrentam uma situação delicada, já que acabam sendo mais expostos ao vírus neste momento. Seja por estarem nas ruas ou por trabalharem diretamente com a coleta de lixo nos municípios.

Nério conta, em tom preocupado, que a solução que encontrou foi redobrar os cuidados com a higiene e com a proteção: Agora, as máscaras e o álcool gel acompanham as luvas, botas e uniformes usados todos os dias.

"Estamos trabalhando sim mas com medo. A população na rua ajuda a gente, dá máscara e tudo, dá apoio moral. Mas tá difícil. Muito. Vamos pra rua, deixamos nossa família em casa e voltamos daquele jeito... com medo", desabafa.

Trabalhador contratado por uma empresa terceirizada que presta serviços para a Prefeitura de São Paulo, o gari afirma que os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) estão sendo disponibilizados da forma correta, o que alivia, mas não some com a ameaça de ser contaminado pelo vírus.

“Saímos de casa, oramos e pedimos pra Deus pra nunca acontecer o que tá acontecendo por aí. Mas se a gente não tiver na rua, é pior. Se não saímos pra coletar, como é que vai ser? Como o pessoal vai ficar?”, questiona.

A preocupação é compartilhada por Valdenise Brandão Ferreira, que trabalha há 11 anos na área de limpeza urbana do Rio de Janeiro. Hoje ela atua com a revitalização de ruas e parques no bairro do Recreio, mas já deixou sua marca na favela da Maré por meio de um projeto de reforma e recuperação de áreas coletivas e criação de jardins a partir da reciclagem, do qual muito se orgulha.

*Se a gente não tiver na rua, é pior. Se não saímos pra coletar, como é que vai ser? Como o pessoal vai ficar?*

Para combater a pandemia, o álcool gel, a água e o sabão, assim como as máscaras individuais laváveis, equipamentos disponibilizados pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), são indispensáveis em seu cotidiano. O uso, inclusive, foi determinado como obrigatório pela empresa durante a jornada de trabalho, que foram reduzidas para 6h.

“Eu tenho medo de pegar corona em qualquer instante que eu vou na rua. Sair na rua se tornou um risco, mas temos que sair, tem que trabalhar, quando eu saio, vou toda equipada. Já saio com a máscara”, relata. Ela acrescenta que os garis têm higienizado escolas, ruas e áreas coletivas, visando proteger a população o máximo possível.

A preocupação de Valdenise com uma possível infecção não é à toa. De acordo com dados enviados pela companhia à reportagem do *Brasil de Fato*, até o momento, 59 trabalhadores da limpeza urbana do Rio testaram positivos para covid-19.

A Comlurb informa ainda que há 349 casos suspeitos de contaminação, 2 casos de óbito de empregados ativos e 5 casos de óbito de empregados que já estavam afastados do trabalho quando apresentaram sintomas. Atualmente o Rio de Janeiro é o terceiro estado com maior número de casos no país, com 19.467 pessoas infectadas.

Data: **18/05/2020**

Título: **“Por uma sociedade sem manicômios”: a resistência de um movimento de acolhimento**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/18/por-uma-sociedade-sem-manicomios-a-resistencia-de-um-movimento-de-acolhimento>

“Eu quero a minha beleza de volta, eu quero a minha beleza de volta”, era o que gritava uma mulher com sofrimento mental após 24 anos sem se olhar no espelho, período em que estava presa, internada em um manicômio.

A mulher havia sido transferida, recentemente, para uma residência terapêutica, que a psicóloga Lumena Castro, docente da Unifesp e integrante do Laboratório de Saúde Coletiva e do Instituto Silva Leme, acompanhava à época.

Na casa nova ela teve direito de se recuperar da internação, receber apoio de profissionais de saúde mental, o direito à liberdade e ao próprio reflexo. Essa é apenas uma das tantas histórias lembradas por Castro em seus 40 anos de carreira no atendimento a saúde mental. “O manicômio não rouba só a liberdade de ir e vir, ele rouba das pessoas a própria identidade”, explica

Há pouco mais de 30 anos, relatos de aprisionamento em manicômios como esse eram comuns como forma de cuidado das pessoas com sofrimento mental. “Os manicômios eram lugar onde se depositavam pessoas que tinham sofrimento, ou que saíam um pouco da norma social e lá elas ficavam para o resto da vida, morriam ali dentro sem nenhum cuidado. Além de ser um lugar de tortura, de horror”, explica a psicóloga.

Mas, a violação de direito a liberdade, a “realidade cruel e perversa”, como definiu ela, que muitos desses lugares ofereciam como tratamento e cuidado dessas pessoas, provocou reações na sociedade civil a partir da década de 1970.

Foi então que o lema “Por uma sociedade sem manicômios” ganhou força com a mobilização de profissionais de saúde, usuários, familiares, professores, movimentos sociais e trabalhadores, e se transformou no Movimento de Luta Antimanicomial

O Movimento se tornou uma data para manter acessa a necessidade de se combater esse legado, celebrado nesta segunda-feira (18), pelo Dia Nacional de Luta Antimanicomial: “O 18 de maio pra gente é um dia muito importante, o dia de luta são todos os dias, mas ele marca a importância dessa luta. Então quem puder no 18 de maio mais fortemente ainda, celebrar esse nosso trabalho do próprio cuidado em liberdade, denunciar as possibilidades de desrespeito a esse direito seria bastante importante”, pontua Lumena Castro.

A data marca encontros históricos do Movimento, que aconteceram durante o ano de 1987, e registraram uma nova forma de tratamento das pessoas com sofrimento mental no país, a Reforma Psiquiátrica Brasileira. O objetivo era e, ainda é, que todo cidadão com transtornos mentais, tenha o direito fundamental à liberdade, o direito a viver em sociedade, além do direito a receber cuidado e tratamento.

Mesmo depois de algumas conquistas como a própria residência terapêutica aberta, o Movimento de Luta Antimanicomial resiste contra as tentativas de intervenções na Política Nacional de Saúde Mental do governo de Jair Bolsonaro (sem partido), que retomam, por exemplo, a lógica manicomial de internação.

Data: **18/05/2020**

Título: **Moradores pediam calma e comida; Bope entregou 13 mortos em massacre no Alemão**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/64754/moradores-pe-diam-calma-e-comida-bope-entregou-13-mortos-em-massacre-no-alemao>

“Como a gente não vai se aglomerar se quando está no meio do tiroteio, no meio da guerra, a gente precisa aglomerar todo mundo no cômodo mais seguro da casa para poder se esconder e se proteger?”. O questionamento é da comunicadora e moradora do Complexo do Alemão Tiê Vasconcelos, 25 anos. Em plena pandemia, a comunidade da zona norte do Rio de Janeiro foi alvo de uma operação policial que deixou 13 mortos na sexta-feira (15/5).

A ação contou com presença da tropa mais letal do Rio, o Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais), e de policiais da Desarme (Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos). Para Tiê, foi a operação mais “pesada” na comunidade na pandemia por conta das mortes e do aparato policial. Embora tenham reduzido até o final de março por conta do novo coronavírus, as incursões policiais ainda são presentes. “Tinha caveirões circulando pelo morro o tempo inteiro, muita munição, muita granada”, descreve. “Mais uma vez a favela sangrando, mais uma vez mães gritando pela perda dos filhos”, lamenta.

A comunicadora conta que, com a falta de assistência do Estado, os próprios moradores precisaram se mobilizar para garantir que a população tivesse acesso a água, alimentação e higiene. “Quando [a pandemia] começou, muita gente, eu até, estava há mais de 20 dias sem água caindo na caixa d’água. Como adaptar esse método de prevenção para nossa realidade de favelado, sendo que a OMS (Organização Mundial da Saúde) recomenda lavar as mãos?”, questiona.

Com as operações, além de tentar se proteger dos tiros, os grupos ficam impossibilitados de entregar cestas básicas às famílias. “Enquanto a gente tá gritando, pedindo ajuda, pedindo doações, levando doações, fazendo um papel voluntário que deveria ser do governo e não nosso, essas ações [policiais] prejudicam a nossa tentativa de minimizar um pouco esse impacto do coronavírus”, critica Tiê. “Se pudesse ter revertido o valor que gastou [na operação] com cestas básicas nos ajudaria muito mais”.

Para a antropóloga da UFF (Universidade Federal Fluminense) Jacqueline Muniz, essas operações policiais favorecem a disputa de territórios, onde a falta de acesso a direitos básicos, como água e luz, propicia que grupos armados explorem o fornecimento desses serviços. “Estamos falando de uma economia política do crime. A pandemia está afetando o bolso do crime e não é à toa onde acontece isso: não vai acontecer em Botafogo, por exemplo, num bairro elitizado, que não está sob controle de nenhum domínio armado”, pontua.

De acordo com Jacqueline, por um lado, as milícias, que costumam cobrar taxas de moradores nas áreas onde atuam, viram sua arrecadação diminuir por conta do fechamento de estabelecimentos comerciais dessa população com as medidas de isolamento. Por outro, as facções criminosas, que inclusive têm feito ameaças a quem desrespeitar a quarentena, temem que a proliferação do vírus afaste compradores de suas mercadorias. Um dos meios de conseguir dinheiro por esses grupos de policiais, segundo ela, é acobrança de propina pela liberação de criminosos que venham a ser presos. “Muitos desses tiroteios servem para aumentar o preço do alvará do funcionamento das firmas. Outros servem para tirar o traficante de estimação e colocar o miliciano. Então, é preciso que a gente veja qual é o rendimento que isso tem e a quem interessa uma operação dessas sem planejamento, sem gestão, sem preservação de vidas”, analisa a professora.

Data: **18/05/2020**

Título: **Corpo de militante gay é encontrado em praia da Paraíba com sinais de tortura**

Fonte: <https://www.brasilefato.com.br/>

Link: <https://www.brasilefato.com.br/2020/05/18/corpo-de-militante-gay-e-encontrado-em-praia-da-paraiba-com-sinais-de-tortura>

O corpo do agente socioeducativo Gabriel Taciano foi encontrado na praia de Jacarapé, em João Pessoa (PB), neste domingo (17), Dia Internacional contra a Homofobia. O corpo do militante gay assumido possuía sinais de violência, com marcas que assinalam requintes de crueldade. Gabriel era formado em Pedagogia, militante dos direitos humanos e filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Ele tinha desaparecido no sábado (16).

Em nota, o Movimento do Espírito Lilás (MEL) solicitou uma apuração rigorosa do crime. “O assassinato de Gabriel Taciano, militante gay assumido, ativista dos Direitos Humanos, agente socioeducativo, e filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) da Paraíba, choca a todos que lutam por uma sociedade igualitária e solidária. Exigimos uma apuração urgente e rigorosa do seu assassinato. Não podemos aceitar que mortes violentas sejam apenas estatísticas sem resolução”, diz a entidade.

O Conselho Estadual de Direitos Humanos da Paraíba (CEDH-PB) pede que o governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Segurança e do Ministério Público Estadual, possa acompanhar as investigações. “Que seja designado um delegado especial para acompanhar o caso, possibilitando, assim que tão horrendo crime seja esclarecido o mais depressa possível e os culpados sejam responsabilizados na forma da lei”, diz o CEDH-PB.

O Partido dos Trabalhadores (PT) lamentou a morte de Gabriel Taciano. “O assassinato de Gabriel, em uma data tão simbólica para a luta contra a homofobia, não poderá ficar em vão e se tornar mais uma estatística de crimes cometidos contra a comunidade LGBTQI+”, diz em nota.

A vereadora Sandra Marrocos (PT) disse, em uma rede social, que “Gabriel era uma pessoa linda, de poucas palavras, mas sempre com sorriso no rosto. Um ser humano maravilhoso, com um coração enorme. Sua leveza me dava força, esteve comigo em muitos momentos de lutas e conquistas”.

Segundo a deputada estadual Estela Bezerra (PSB), seu gabinete enviou requerimentos solicitando informações à Secretaria Estadual de Segurança e Defesa Social sobre o andamento das investigações para elucidação dos fatos e prisão do(s) assassino(s); ao Ministério Público e ao Conselho Estadual de Direitos Humanos que façam o devido acompanhamento do caso.

O deputado federal Frei Anastácio (PT), membro da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, fez um apelo público ao governador da Paraíba, João Azevêdo, pedindo que seja designado um delegado especial para apurar o assassinato.

Data: **19/05/2020**

Título: **Mortes pela covid-19 triplicam nos bairros pobres de São Paulo**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/19/mortes-pela-covid-19-triplicam-nos-bairros-pobres-de-sao-paulo/>

Em um mês, os 20 distritos mais pobres da capital paulista registraram aumento médio de 228% nas mortes causadas pela covid-19, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde.

Doze distritos tiveram crescimento superior a 200% nas mortes registradas desde o dia 17 de abril. Os distritos com mais mortes são Brasilândia (ZN); Capão Redondo, Grajaú e Jardim Ângela (ZS); Sapopemba e Cidade Tiradentes (ZL).

Já os 20 distritos mais ricos da cidade acumulam aumento médio bem inferior nas mortes, no mesmo período: 161%. Santana (ZN) é o distrito com o maior número de casos, depois vêm Saúde, Vila Mariana e Campo Belo (ZS), Santa Cecília (Centro), Perdizes (ZO) e Tatuapé (ZL).

Os 20 distritos mais pobres da cidade acumulam 1.558 mortes, das 5.725 mortes ocorridas em toda a cidade, até 14 de maio. Nesta terça (19), foram contabilizados quase seis mil óbitos causadas pela pandemia do novo coronavírus.

Esses distritos também são os que possuem menos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), com um máximo de oito para cada 100 mil habitantes. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda 30 para cada 100 mil. Na capital paulista, 60% dos leitos de UTI estão concentrados em três distritos: Sé, Vila Mariana e Pinheiros, todos bairros valorizados. Os moradores da Brasilândia receberam na segunda (18) 100 mil máscaras de proteção ao contágio pelo coronavírus. A campanha “Máscaras para a Brasilândia” foi lançada pela Rede Brasilândia Solidária e tem como público-alvo as famílias da

região que se encontram em condições financeiras de extrema dificuldade. As máscaras estão sendo distribuídas à população pelas 13 Unidades Básicas de Saúde (UBS) da região. A capital paulista tem uma taxa de ocupação de UTI de 89%. Alguns hospitais, sobretudo na periferia, já estão em lotação máxima e não recebem novos pacientes. A rede hospitalar municipal tem 1.834 pessoas internadas, sendo 495 em UTI.

São 1.728 favelas na cidade de São Paulo, segundo dados da prefeitura. Na região metropolitana, cerca de 400 mil famílias e mais de 2 milhões de pessoas moram nestas condições. Porém, algumas delas vivem uma situação ainda mais delicada.

Diferente de Paraisópolis ou Heliópolis, favelas gigantes que recebem atenção da mídia, muita ajuda “humanitária” da classe média do entorno, muitas comunidades são pequenas, remotas e com estruturas mais precárias. Têm dificuldade de articular ou receber projetos de apoio para reduzir suas precariedades. Também são comunidades que sofrem com carências básicas que as grandes já resolveram por meio de presença do poder público e privado.

São populações que lidam quase permanentemente com tragédias, como doenças graves sem atendimento adequado, desastres ambientais como inundações e desabamentos, problemas sanitários graves, como rios poluídos que passam embaixo dos barracos, lotação em barracos pequenos que favorecem abusos infantis e violência doméstica.

São favelas distantes e isoladas que não viram tema de novela da Globo, como Paraisópolis, pois, sequer, guardam o charme de uma favela em bairro nobre com residências e urbanismo já consolidados. São construções realmente improvisadas, amontoadas, sem vias de passagem minimamente planejadas. O próprio acesso a estas comunidades é difícil e evitado por gente de fora.

O modo como a Prefeitura divulga os números da covid-19 é criticado pelas organizações de favelas. A divulgação por distritos invisibiliza as favelas. Não é toa que os números mais alarmantes se concentram no distrito da Brasilândia, uma enorme região pobre na Zona Norte da capital. Ali, perto da Serra da Cantareira, as favelas são íngremes e, frequentemente são ocupações irregulares em beira de barrancos, com difícil acesso. A vizinhança da natureza preservada torna as condições desses bairros ainda mais precárias.

Toda e qualquer medida pensada pelas autoridades é insensível à realidade dessas populações. Falam em quarentena, quando um pequeno barraco abriga seis pessoas. Falam em higiene quando comprar frascos de álcool gel é algo absolutamente supérfluo pra quem come arroz e feijão, sem “mistura”, sem mencionar a total ausência de saneamento básico e oferta de água encanada. Muitas famílias sequer têm um banheiro digno. Falam em home office ou estudo online, quando as pessoas nunca tiveram internet ou viram um computador dentro de casa. Falar em compras por delivery na favela soa como piada.

Depois, desconsidera-se totalmente o fato de muitas pessoas perderem seus empregos ou trabalhos informais com o fechamento do comércio. Até o auxílio emergencial oferecido pelo governo é burocratizado, demanda um aplicativo de celular e acesso à internet. São populações que convivem, também, com a

constante ameaça de expulsão de seus terrenos pela justiça, que tem expedido mandatos de reintegração de posse em plena pandemia com apoio da Polícia Militar.

Data: **19/05/2020**

Título: **Adolescente desaparecido em ação policial é encontrado morto no Rio de Janeiro**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/19/adolescente-desaparecido-em-acao-policial-e-encontrado-morto-no-rio-de-janeiro>

Um estudante de 14 anos foi morto durante uma operação da Polícia Federal (PF) e da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, na tarde da última segunda-feira (18). João Pedro Mattos Pinto foi atingido na barriga enquanto brincava no quintal de casa. O adolescente foi levado em um helicóptero da Polícia Civil após ser baleado. Até a manhã desta terça-feira (19), a família estava sem informações sobre o jovem.

Segundo o Corpo de Bombeiros, o corpo da vítima foi deixado na segunda-feira(18), às 15h, no Grupamento de Operações Aéreas (GOA), na zona sul do Rio. Na manhã desta terça-feira (19), familiares do adolescente estiveram no Instituto Médico Legal (IML) de São Gonçalo e reconheceram seu corpo. João Pedro foi descrito por amigos e familiares como um menino calmo e que frequentava a igreja.

Para a gestora de dados da plataforma *Fogo Cruzado*, Maria Isabel Couto, nem mesmo os dois meses de pandemia da covid-19 e a quarentena decretada pelo governo estadual, que fazem com que menos pessoas estejam nas ruas, foram suficientes para amenizar as estatísticas sobre violência em ações policiais envolvendo crianças e jovens - quando se compara com o mesmo período de 2019.

“Em 2019, 38 adolescentes foram baleados no estado do Rio contra 24 neste ano. Em tese, seria algo positivo, mas já estamos há dois meses em quarentena e nesse período houve grande redução de pessoas nas ruas. Se formos além, veremos que a violência não diminuiu. Em 50% dos casos de adolescentes baleados neste ano havia ações policiais. No ano passado, foram 53% baleados na presença de policiais”, explica Maria Isabel ao Brasil de Fato.

Segundo a pesquisadora, os dados são claros em mostrar a falta de engajamento das polícias na proteção da vida das pessoas e atuação errada de agentes de segurança pública. Maria Isabel Couto chama a atenção ainda para o fato de que o Complexo do Salgueiro foi cenário recente de uma chacina em que a Core também estava presente.

“Há um ano e meio, outra operação ainda mal investigada e sem respostas resultou em uma chacina. Agora, novamente, um caso envolvendo a Core termina de forma trágica. O caso do João Pedro é um caso absurdo de um adolescente baleado e

morto dentro de casa, levado pelo socorro, que morre e a família não é notificada disso. É um descaso muito grande com os familiares dessa vítima, é preciso alertar para isso”, avalia a gestora do laboratório de dados.

No *Twitter*, um dos *trend topics* que despontou nesta terça-feira (19), pela manhã, foi a *hashtag* *#procurasejoapedro*. Diversas figuras públicas e lideranças comunitárias compartilharam a *hashtag* pedindo respostas sobre o menino desaparecido após ser baleado.

Em sua conta, Guilherme Boulos, liderança do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), questionou o episódio. “No meio da pandemia, o Rio de Janeiro tem mais um menino negro desaparecido, depois de ter sido baleado pela polícia em São Gonçalo. Onde está João Pedro?”.

Pouco tempo depois, quando soube que o corpo do menino havia sido identificado no Instituto Médico Legal (IML), de São Gonçalo, Boulos novamente se manifestou na rede social, responsabilizando o governador do estado, Wilson Witzel (PSC), que chefiava a Core: “O corpo do garoto João Pedro foi localizado agora no IML após ser morto pela PM do Rio. Mais uma vítima da política de segurança genocida contra pobres e negros. Witzel posa de ‘defensor da vida’ na pandemia, mas é agente da morte nas favelas cariocas”, disse.

A deputada federal Talíria Petrone (PSol) também se manifestou na rede social. “Depois de horas sem saber do filho, a família de João Pedro, jovem de 14 anos baleado dentro de casa, descobre que ele está no IML. Triste. Avassalador. Até quando o Estado vai enxugar sangue de jovens, pretos e favelados?”.

A *hashtag* que questiona o desaparecimento de João Pedro foi iniciada pelo seu primo, Daniel Blaz, na noite da última segunda-feira (18). O compartilhamento e a mobilização na rede social foi atingindo diversas contas além dos conhecidos da família, até chegar a figuras públicas. Por meio do *Twitter*, Daniel também compartilhou as atualizações sobre o caso. Em sua última postagem ele confirmou que a família identificou o corpo do primo no IML e se despediu. “Que Jesus te receba de braços abertos, meu campeão”.

Data: **20/05/2020**

Título: **Casa onde adolescente foi morto tem 72 marcas de tiros, diz entidade**

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/casa-onde-adolescente-foi-morto-tem-72-marcas-de-tiros-diz-entidade>

A casa onde o adolescente João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, foi morto na segunda-feira (18), está com 72 marcas de tiro. João Pedro foi atingido durante uma operação policial no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. A informação é da organização não governamental Rio de Paz, que mandou representantes ao local para prestar assistência à família.

O articulador social da entidade, João Luis Silva, acompanhou o sepultamento e, logo após, foi até a casa onde filmou e contou as marcas nas paredes internas da casa. Ele também diz que os parentes do menino relataram diversas irregularidades na ação policial.

“Logo após o sepultamento, nós fomos com parentes e líderes comunitário ver em que estado ficou a casa depois dessa operação desastrosa. Tivemos acesso à residência e nos foi informado que a perícia tinha sido feita na hora. Eu contei 72 buracos. Entre buracos na janela da sala, na parede da sala, na parede do quarto, e também buracos em um outro cômodo que fica fora da casa. E um disparo acertou a TV”.

**Título: Recife: sem auxílio emergencial, indígenas venezuelanos são expostos a Covid-19 e fome**

**Data: 20/05/2020**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/64800/recife-sem-auxilio-emergencial-indigenas-venezuelanos-sao-expostos-a-covid-19-e-fome>

Os indígenas da etnia warao, originários da Venezuela, viviam no Recife desde o ano passado basicamente de doações e do que chamam de coleta, pedindo dinheiro em sinais e nas ruas. Povo em intensa migração no Brasil desde 2018, os waraos se encontram à margem do trabalho formal. A pandemia do coronavírus os deixou ainda mais vulneráveis.

Há duas semanas, um idoso de 81 anos morreu em uma das três casas comunitárias onde vivem os cerca de cem indígenas no Recife. Impossibilitados de fazer a coleta e com as doações diminuindo, os waraos ainda encontram dificuldades para conseguir o auxílio emergencial do Governo Federal.

Divididos em duas casas na Rua dos Prazeres e uma na Rua Gouveia de Barros, todas na região central do Recife, a maioria dos moradores não fala português, nem espanhol, mas apenas a língua warao. Um dos representantes das cinco famílias que dividem a casa na Gouveia de Barros, Juan Perez conta que dos 15 adultos residentes, apenas cinco conseguiram o benefício emergencial.

“Está muito difícil para nós. Não estamos mais saindo. As doações chegam, mas não é todo dia. É uma vez a cada três ou quatro dias”, conta Juan, que diz que não há doentes na residência onde moram 32 pessoas, sendo 15 crianças. “Fui na Caixa, peguei o protocolo, mas meu auxílio foi negado”, lamenta Juan. “Quem já recebeu o auxílio, ajuda a comprar arroz e frango”, diz, sobre a base da alimentação dos waraos no Recife.

O direito ao auxílio emergencial é garantido para migrantes e refugiados, como os waraos, explica o defensor público da União André Carneiro Leão. “Estamos vendo uma resistência nas agências daqui da Caixa Econômica Federal. Alguns dos indígenas só têm cédula de identidade da Venezuela e o documento de refugiado.

Houve uma ação civil pública, feita pela defensoria em São Paulo, mas que tem abrangência nacional, para que fosse garantido o cumprimento da lei 9474 que prevê a flexibilização dos documentos para refugiados”, detalha o defensor.

Por ora, a Defensoria Pública da União enviou um ofício circular para a Caixa Econômica, para que cumpra a lei. “Em algumas agências está sendo cumprido, em outras não”, diz André. A DPU avalia ainda outras ações para garantir o auxílio aos waraos

Data: **20/05/2020**

Título: **PM mata mais um jovem no Rio de Janeiro durante pandemia: João Vitor, de 18 anos, morreu na Cidade de Deus**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/pm-mata-mais-um-jovem-no-rio-de-janeiro-durante-pandemia-joao-vitor-de-18-anos-morreu-na-cidade-de-deus/>

Voluntários que realizavam uma distribuição de cestas básicas na favela da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, nesta quarta-feira (20) relataram a morte de mais um jovem por ação policial durante a pandemia. O caso aconteceu um dia depois do menino João Pedro, de 14 anos, ser encontrado morto no Instituto Médico Legal (IML). A vítima da vez foi João Vitor, de 18 anos.

Segundo o Voz das Comunidades, o jovem foi baleado durante ação do Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (Bope) e colocado dentro de um caveirão. Ele foi levado para o Hospital Lourenço Jorge, mas não resistiu.

O conselheiro tutelar e morador da Cidade de Deus, Jota Marques, disse que o rapaz baleado tinha saído de casa para ir comprar pipa. “Ele faleceu. Estamos cansados. A gente não tem direito de entregar comida, a gente não tem direito a cuidar dos nossos. A gente não tem direito a nada”, desabafou Marques no Twitter.

Os voluntários ouvidos pelo Voz disseram que tentaram identificar o corpo, mas foram reprimidos pelos oficiais. “Quem não quer ser baleado tem que sair com uma bíblia na mão”, teria dito um dos PMs. O governador Wilson Witzel disse uma frase parecida durante entrevista no ano passado.

O advogado Joe Luiz, da Comissão de Direitos Humanos da OAB do Rio de Janeiro, informou que a vítima trata-se de João Vitor da Rocha, 18 anos. Ele ainda publicou um vídeo de dois voluntários revoltados com o ocorrido.

Na segunda-feira, moradores do Salgueiro, em São Gonçalo, denunciaram o sumiço do adolescente João Pedro após ser baleado durante ação policial. Após doze horas de buscas, ele foi achado morto pelos familiares no IML da Lagoa, no Rio.

Na última sexta-feira (20), uma outra operação do Bope deixou mortos no Rio de Janeiro. Na ocasião, ao menos cinco pessoas morreram no Complexo do Alemão após disparos. A Anistia Internacional no Brasil criticou a operação: “Dentro e fora

do contexto de pandemia, exigimos das autoridades uma segurança pública que respeite os direitos humanos no policiamento e ação de agentes de segurança pública em geral, respeitando protocolos de uso da força”.

Data: **21/05/2020**

Título: **Aumenta o apoio para concessão do Prêmio Nobel da Paz para Brigadas Médicas de Cuba**

Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/>

Link: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/64813/aumenta-o-apoio-para-concessao-do-premio-nobel-da-paz-para-brigadas-medicas-de-cuba>

Mais de 25 organizações europeias respaldam a proposta de entrega do Prêmio Nobel da Paz às brigadas médicas cubanas, por seu aporte ao enfrentamento global da Covid-19, anuncia hoje uma plataforma criada na França.

Lançada em 28 de abril pelas associações Cuba Linda e França Cuba, a iniciativa recebeu até o momento o apoio de grupos de solidariedade, forças políticas e sindicatos da França, Espanha, Irlanda e Itália, e de em torno de um milhão de internautas na página do Facebook Prix Nobel de la paix pour les brigades médicales cubaines Henry Reeve.

Alguns dos defensores do reconhecimento aos médicos que em países de diversos continentes atendem seres humanos atacados pelo coronavírus SARS-CoV-2 advogaram por ampliar a campanha a um comitê internacional.

Nos últimos dias se somaram ao pedido do Nobel a União Departamental da Confederação Geral do Trabalho da França de Bocas do Ródano, o Comitê de Toulouse Francia Cuba, as espanholas Euskadi Cuba, Cuba informação, TV e Comunistas de Catalunha e a italiana Associazione Umbra di Solidarietà Internazionalista con Cuba.

A plataforma pede o Nobel da Paz para o Contingente Internacional de Médicos Especializados em Situações de Desastres e Graves Epidemias Henry Reeve, que desde sua criação em 2005 tem salvado a centenas de milhares de vidas em regiões da África, América Latina, Caribe e Ásia assoladas por terremotos, furacões, inundações e epidemias.

Mais de 1500 médicos, enfermeiras e técnicos de brigadas cubanas presentes em 25 nações, inclusive pela primeira vez na Europa, escrevem nestes tempos de Covid-19 páginas de solidariedade e altruísmo, que explicam o apelo e a defesa da entrega do prestigioso prêmio.

O texto que acompanha o convite aos amigos de Cuba no mundo a respaldar a proposta recorda que a ajuda de seus profissionais da saúde já não pode ser ignorada pelos grandes meios, porque "apesar do infame bloqueio imposto pelos Estados Unidos, que dura mais de 50 anos, Cuba solidária envia seu exército de aventais brancos por todo o planeta para enfrentar a pandemia".

Também assinala que a presença de médicos cubanos em países como Itália e Andorra surpreendeu algumas pessoas na Europa e no ocidente, mas não nos povos do Sul que conhecem bem o internacionalismo solidário de Cuba e das brigadas Henry Reeve.

As 26 brigadas de médicos de Cuba pertencentes ao Contingente Henry Reeve que trabalham hoje em mais de vinte países atenderam até o momento mais de 26 mil doentes de Covid-19 e salvaram a vida de 976 pessoas afetadas pela pandemia.

O Contingente Henry Reeve, indicado para o Nobel da Paz por organizações europeias, foi criado pelo líder histórico da revolução cubana, Fidel Castro, em 2005

Data: **22/05/2020**

Título: **Manobra do Centrão inclui artigo que legaliza missões religiosas em territórios ocupados por índios isolados**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/manobra-do-centrao-inclui-artigo-que-legaliza-missoes-religiosas-em-territorios-ocupados-por-indios-isolados/>

Uma manobra do centrão conseguiu incluir um artigo no projeto de lei sobre medidas para proteção de índios contra a Covid-19 que legaliza a permanência de missões religiosas que estejam em território ocupado por índios isolados de forma ilegal. A legislação brasileira proíbe a prática, mas o projeto de lei foi aprovado nesta quinta-feira e segue agora para o Senado.

A manobra prevê que o governo terá a obrigação de fornecer água potável, distribuir material de higiene e desinfecção, equipes multiprofissionais, oferta emergencial de leitos e acesso a testes de identificação do coronavírus.

A manobra foi organizada por parlamentares do centrão, que são ligados à bancada evangélica. Até quarta (20), o projeto de lei que estava sendo analisado pelos deputados previa a prisão por até cinco anos para quem ingressasse em território ocupado por isolados sem autorização da FUNAI.

O deputado Wellington Roberto (PL-PB), então, apresentou uma emenda substitutiva global que alterou o texto que foi aprovado, que prevê a proibição do ingresso nas áreas ocupadas por isolados sem autorização da Funai, mas permite que as missões religiosas que já estejam nessas áreas possam continuar lá.

As punições para o ingresso ilegal nessas áreas também foram retiradas.

A deputada Joênia Wapichana, que é indígena, disse que pretende atuar junto ao Senado para que esse artigo seja retirado.

Data: **26/05/2020**

Título: Um basta ao genocídio dos negros

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/26/um-basta-ao-genocidio-dos-negros/>

Nesta terça-feira (26) lembramos, revoltados, a memória de João Pedro Matos Pinto, 14, assassinado na casa da família, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo (RJ). No último dia 18, ele brincava com primos quando agentes das polícias Federal e Civil alvejaram o imóvel e o atingiram. Ao completar uma semana dessa morte brutal, nos unimos à dor desta família negra brasileira: a professora Rafaela Pinto, mãe; o autônomo Neilton Pinto, pai; e Rebecca, a irmã de 4 anos.

O crime bárbaro é mais um a confirmar a necropolítica do Estado brasileiro. A rotina de violentas operações em favelas e periferias não foi interrompida nem na mais mortal pandemia que o país já viveu. João Pedro e os primos obedeciam à orientação de distanciamento social do governador do Rio, Wilson Witzel (PSC), e da Organização Mundial de Saúde para se protegerem da Covid-19. Mas, para eles, assim como para inúmeras famílias negras do Brasil, a residência, a rua, a comunidade não são espaços seguros.

Três dias antes, uma ação da PM no Complexo do Alemão deixou 13 mortos. Na mesma segunda-feira (18), Iago César Gonzaga, 21, foi torturado e morto durante outra operação da PM, em Acari. No dia seguinte, João Vitor da Rocha, 18, perdeu a vida durante incursão da PM na Cidade de Deus, que interrompeu a distribuição de cestas básicas. Na quinta (21), Rodrigo Cerqueira, 19, foi alvejado no Morro da Providência. Tem sido assim no Rio. Tem sido assim no Brasil. Desde sempre.

Mesmo com casos de Covid-19 se multiplicando no país, houve aumento de 11% nas mortes violentas em março. Em São Paulo, os óbitos causados pela PM no primeiro trimestre de 2020 foram recorde na série histórica; dois terços das vítimas com registro de raça eram negras. A Bahia foi o estado com maior número de crimes violentos em março: 525. O Ceará registrou 366 homicídios nos primeiros 25 dias de abril. Em Pernambuco, de janeiro a março, 990 pessoas foram assassinadas. Na região metropolitana do Rio, a polícia matou 69 pessoas entre 15 de março, início do isolamento, e 19 de maio, segundo o Observatório de Segurança RJ.

A população negra é alvo da morte violenta e sistemática. Todo ano, cerca de 45 mil pessoas negras são assassinadas no Brasil. Estamos imersos na necropolítica do matar e deixar morrer. Os serviços públicos de saúde em colapso também estão levando negros e pobres à morte de modo desproporcional. Até quando vamos ignorar o racismo, nosso vírus letal, e o genocídio negro, pandemia de sempre?

A Coalizão Negra Por Direitos responsabiliza o estado do Rio de Janeiro pelas mortes resultantes das operações policiais no Complexo do Alemão (13 vítimas), em Acari (Iago), na Cidade de Deus (João Vitor) e no Morro da Providência (Rodrigo). No Complexo do Salgueiro (João Pedro), há corresponsabilidade da Polícia Federal. Notificamos o Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ), a Assembleia Legislativa (Alerj), o Comando Geral da PM-RJ, o governador Wilson Witzel e a Corregedoria

da PM para que haja investigação rigorosa dos casos. Encaminhamos denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

A Anistia Internacional Brasil enviou ofícios ao governador e ao procurador-geral de Justiça, Eduardo Gussen, solicitando informações sobre operações policiais durante a pandemia. Wilson Witzel recebeu representantes da Anistia e de comunidades cariocas. Reiteramos a responsabilidade do governador na política de segurança que naturaliza operações policiais que violam os direitos humanos.

Convidamos a sociedade brasileira a participar da campanha [alvosdogenocidio.org](http://alvosdogenocidio.org), que exige dos órgãos de imprensa que mortes sistemáticas de pessoas negras sejam nomeadas como genocídio. Hoje também choramos as mortes de brasileiras e brasileiros pela Covid-19. O país adicionou aos grupos de risco da pandemia pessoas negras e pobres, moradores de favelas, periferias, quilombos e aldeias, pessoas em situação de rua e encarcerados.

A dor pelo assassinato de João Pedro e por tantos outros óbitos aumenta a revolta pelo genocídio de todos os dias. Pelos sonhos e pelas vidas interrompidas, continuaremos em luta permanente.

Data: **29/05/2020**

Título: **Pandemia avança sobre periferias e redes se organizam para combater o vírus e a fome**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/pandemia-avanca-sobre-periferias-e-redes-se-organizam-para-combater-o-virus-e-a-fome>

Localizado na zona norte de São Paulo (SP), o distrito da Brasilândia ocupa o primeiro lugar na lista de mortos pela covid-19, segundo último boletim epidemiológico do município.

É lá também que Ana Sueli Ferreira atua como ativista social desde a adolescência. Integrante de um Coletivo Mulheres da Noroeste, que atua no combate à violência contra a mulher, ela conta que, com a explosão da pandemia na região, o grupo teve que ampliar o foco de trabalho.

“A questão da fome escancarou de um jeito muito cruel. Porque é como se a fome tivesse escondida dentro de quatro paredes e de repente ela veio à tona de uma forma muito grande. Então, é muito sério. A gente tenta priorizar as mulheres que estão desempregadas, que estão em situação de falta de recursos, aquelas que não receberam auxílio emergencial. Quando a gente não dá conta pelas questões financeiras, aí a gente vai fazendo entrando em contato com outros grupos da região.” afirma a ativista social.

Outro grupo que atua nas periferias e que adaptou o atendimento foi a Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio. Clodoaldo Paiva, integrante da rede no Jaraguá, afirma que a violência não cessou, mas que a urgência agora tem sido o

combate ao vírus. Por isso, os integrantes da Rede têm atuado também no Comitê de Apoio-Mútuo Contra a Covid de suas regiões.

“Primeiramente a gente não quer morrer de fome nem de covid, a preocupação maior tem sido essa, emergencial mesmo. Muita gente perdeu o emprego, está semtrabalhar, como eu. Então, por isso desde a pandemia a gente tem se juntado para fazer diversos tipos de ações. Desde arrecadação de alimentos, kits de higiene, cobertores, roupas e nos organizado para fazer a distribuição através de cestas básicas.

Segundo o Data Favela, estima-se que 72% dos moradores de assentamentos precários não têm dinheiro guardado para enfrentar a crise pelo período de uma semana.

Outro fator agravante é o problema histórico de moradia nas periferias. “Ficar em casa, a gente tem feito essa discussão, a gente faz essa orientação, mas nós entendemos que tem suas limitações. Há uma limitação para quem mora em condições sub-humanas, que não tem ventilação, que são dois cômodos para 10 pessoas.” afirma Ferreira.

Para Morgana Krieger, especialista em administração pública, a pandemia vem explicitar um histórico de ação e investimento governamental insuficientes nas áreasperiféricas.

“Por mais que a solidariedade seja um mecanismo totalmente necessário agora, principalmente a solidariedade passando estruturas de classe, a solidariedade redistributiva, a gente cada vez mais tem que cobrar por políticas públicas no sentido de garantir que o poder público vai ter meios de investir e garantir que essa população tenha acesso à saúde, educação e bens culturais.” afirma a pesquisadora

Outra área de atuação dos coletivos tem sido contra a desinformação. “Há umtempo atrás até tinha diminuído, mas com essa apologia toda desse nazista, o pessoal tem largado mão, tem rolado cultos, esses eventos todos continuam. A gente procura dar informações também sobre a covid, acesso ao auxílio emergencial, entre outras coisas.” relata Paiva.

A solidariedade afetiva também tem sido fundamental. Além de acolhimento psicológico que tem acontecido de forma virtual, o Coletivo Mulheres da Noroeste tem investido na disseminação de esperança e afeto.

“Para semana que vem, a gente vai entregar as cestas com folhetos nossos do coletivo de mulheres com algumas mensagens dizendo que elas não estão sozinhas. Mandar livros também. Vamos tentar levar alimento para o corpo, levar o alimento para a alma. Isso que nos mantém vivas todos os dias nessa luta para a gente pode transformar um pouco o lugar que a gente mora”, conclui.

Data: **29/05/2020**

Título: **Denúncias apontam aumento de 74% na violência contra mulheres**

Fonte: <https://vermelho.org.br/>

Link: <https://vermelho.org.br/2020/05/29/denuncias-apontam-aumento-de-74-na-violencia-contra-mulheres/>

O balanço divulgado hoje (29) pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos revela que na passagem de 2018 para 2019, o total de tentativas de feminicídio denunciadas por meio do Ligue 180 aumentou 74,6%, saltando de 2.075 para 3.624 notificações.

O número de denúncias de violência contra mulheres que a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos recebeu em 2019, por meio da Central de Atendimento à Mulher

– Ligue 180, aponta uma escalada do processo de violações à integridade e aos direitos das mulheres no país.

Também chamam a atenção o aumento de 471% no número de denúncias de violência policial contra mulheres e o crescimento de 400% da violência contra a diversidade religiosa. No primeiro caso, os registros passaram de 99 queixas em 2018, para 566 notificações em 2019. Já no segundo caso, os telefonemas para o Ligue 180 passaram de três para 15. Os casos de violência moral aumentaram 46%.

No sentido contrário, os registros de homicídios notificados por meio do Ligue 180 diminuíram 84% de 2018 para 2019 e as denúncias de tentativas de homicídio e de violência física contra mulheres caíram, respectivamente, 70% e quase 42%, no período. A Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos também registrou um menor número de casos de ameaças genéricas (-74%) e de tráfico de mulheres (-63%), bem como de cárcere privado (-18%), dentre outros crimes.

Em 2019, o serviço recebeu mais de 1,3 milhão de telefonemas – metade das 2,6 milhões chamadas atendidas em 2018. E o número de denúncias registradas também foi menor: 92.663, em 2018, contra 85.412, no ano passado. Considerando a diferença dos números absolutos, o percentual de denúncias registradas em 2019 foi superior ao de 2018.

Ainda assim, no ano passado, as denúncias de crimes e violações representaram apenas 6,5%, ou 85.412, do total das chamadas atendidas. Outras 629,5 mil (47%) ligações foram para obtenção de informações sobre a rede protetiva.

Em termo gerais, os casos de violência doméstica e familiar respondem por 78% do total de denúncias. Em seguida vêm os casos de tentativa de homicídio (4%), violência moral (4%), ameaças (3%), cárcere privado (3%), violência sexual (2%), violência física (2%) e outros (4%).

Quase metade das vítimas que ligaram para o Ligue 180 no ano passado relatou servítima de violações semanais. Duas em cada dez destas mulheres sofriam abusos e violência diariamente. A maioria das vítimas é parda, solteira, tem entre 18 e 30 anos e o ensino fundamental completo. Já os agressores são, na maioria, homens (84%), pardos, com 25 a 40 anos de idade e ensino fundamental incompleto.

Data: **29/05/2020**

Título: **Justiça proíbe "caveirões aéreos" de sobrevoarem escolas e creches no Riode Janeiro**

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/justica-proibe-caveiroes-aereos-de-sobrevoarem-escolas-e-creches-no-rio-de-janeiro>

A Justiça do Rio de Janeiro determinou, nessa quinta-feira (28), que os "caveirões aéreos" — apelido dado aos helicópteros da polícia — não podem voar sobre escolas e creches. A decisão atende, parcialmente, a uma ação civil movida em fevereiro deste ano pela Defensoria Pública do estado (DP-RJ).

A juíza Claudia Leonor Jourdan, da 1ª Vara da Infância da Juventude e do Idoso, também determinou que seja cumprida uma instrução normativa da extinta Secretaria Estadual de Segurança que impede a realização de ações policiais em todo o estado "nos horários de maior fluxo de entrada e saída de pessoas".

Ainda ficou estabelecido que caso ocorra operação próximo a unidades de ensino, "por alguma razão excepcionalíssima" e comprovado perigo "iminente e concreto", o executor da operação terá que apresentar à DP-RJ e ao Ministério Público, em até cinco dias, um relatório detalhado sobre o que foi feito.

A decisão também estabelece que seja elaborado "protocolo próprio de comunicação" que envolva as polícias, "o Centro Integrado de Comando e Controle (CICC) e os segmentos federal, estadual e municipal das áreas de saúde e de educação". O objetivo é que diretores de unidades de saúde e de ensino, logo após o início das operações policiais, tenham tempo para tomar medidas para preservar a integridade física de estudantes e funcionários.

A juíza deu ordem para que o governador do estado Wilson Witzel (PSC), o prefeito do Rio Marcelo Crivella (Republicanos) e os secretários das polícias Militar e Civil fossem notificados pessoalmente da decisão

Data: **30/05/2020**

Título: **Dilma diz que no Brasil e nos EUA, negros são sufocados pela violência**

Fonte: <https://revistaforum.com.br/>

Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/dilma-diz-que-no-brasil-e-nos-eua-negros-sao-sufocados-pela-violencia/>

Dilma Rousseff (PT) divulgou, neste sábado (30), uma nota, em seu site, intitulada "No Brasil e nos EUA, negros são sufocados pela violência". No texto, ela afirma que "a violência contra os negros, cometida por polícias fascistizadas, é autorizada por governantes autoritários e preconceituosos, como Trump e Bolsonaro".

A ex-presidenta se refere ao brutal assassinato do cidadão norte-americano, George Floyd, que morreu asfixiado por um policial no estado de Minnesota. Aqui no Brasil, Jair Bolsonaro bebeu um copo de leite durante uma live (movimentos neonazistas adotam o copo de leite como símbolo, o que causou indignação nas redes sociais).

O que têm em comum o acontecido com o americano George Floyd e com as crianças brasileiras Kauan Rozário, Aghata Félix, Kauê Ribeiro e João Pedro Pinto? Os cinco eram negros, pobres, socialmente excluídos e foram assassinados este ano em ações policiais. O primeiro vivia em Minneapolis, os demais moravam em bairros pobres do Rio de Janeiro, e todos foram vítimas do racismo estrutural e da herança escravista que cobrem com uma mancha de violência e infâmia a vida cotidiana destes dois países.

Apesar das diferenças históricas, o racismo naturalizado nas relações sociais do Brasil e tolerado nos Estados Unidos sustenta a desigualdade, a injustiça e a violência, que tornam a vida dos negros um risco permanente.

No Brasil, nove em dez mortos pela polícia são negros, e metade deles é jovem. No ano passado, o número de negros mortos pela polícia no Brasil aumentou 29% (49% quando incluídos os pardos), enquanto o número de brancos assassinados em ações policiais diminuiu 13,6%. Os negros também têm suas vidas abreviadas pela exclusão do trabalho formal, pela fome, pela miséria e, neste momento, aqui e nos EUA, pela epidemia, que atinge mais brutalmente as comunidades pobres em que vivem.

O povo americano está nas ruas protestando contra o assassinato de George Floyd e, apesar das ameaças de recrudescimento da violência de estado por parte de Trump, multidões de todas as etnias gritam que sem justiça não haverá paz.

A violência contra os negros, cometida por polícias fascistizadas, é autorizada por governantes autoritários e preconceituosos, como Trump e Bolsonaro, ou defensores da formação de milícias paramilitares, como o presidente brasileiro, e por governadores que, como o do Rio, assumiram anunciando tiros de fuzil na cabeça de suspeitos.

Também no Brasil, os negros, sobretudo os jovens negros, sabem que aqui “*não conseguirão respirar*” enquanto a violência do racismo não for denunciada, barrada e integralmente superada.